http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/exu-e-a-verdade-cinica/

Exu e a verdade cínica: parresía e educação entre poéticas e errâncias*

Rafael Araldi Vaz[1]

Mediante o uso de conchas adivinhas,
Orunmilá revelava aos homens as intenções do supremo deus Olorum
e os significados do destino.
Orunmilá aplainava os caminhos para os humanos,
enquanto Exu os emboscava na estrada
e fazia incertas todas as coisas.
O caráter de Orunmilá era o destino, o de Exu, o acidente.
Mesmo assim ficaram amigos íntimos.
(Prandi, 2001, p. 76)

Viagem das crianças, eis o sentido lato da palavra grega pedagogia. Aprender lança a errância.
(Serres, 1993, p. 15)

Introdução

O que Exu tem a ensinar à educação? Para alguns, a pergunta pode parecer estranha. Para outros, trata-se de uma questão ético-política central, particularmente quando se reconhece que o que está em jogo no processo de constituição dos saberes e da educação erigidos pelo mundo Ocidental é o reconhecimento do lugar dos saberes subalternos ante ao projeto colonial e quais epistemologias podem estruturar formas contracoloniais de educação, pensamento e vida [2]. Quais fundamentos, saberes e práticas são, portanto, capazes de alicerçar modos de produção de saber descentralizados da racionalidade instrumental erigida pelo Ocidente, enquanto invenção colonial, lugar de espólio e massacre, simbólico, epistêmico e material dos povos subalternizados.

No itan de Exu e Orunmilá a vida, sob a metáfora do caminho, se descobre como um tensionamento constante entre acidentes e encontros, entre desorientação e orientação, entre destino e errância. O que na filosofia mestiça de Michel Serres transparece como a qualidade própria à educação, a qual nos impõe pensar que aprender é uma experiência que se faz enquanto se é lançado à errância. Portanto, e somente, quando exposto à vida e aos compromissos

ético-políticos que ela nos demanda. É na encruzilhada, portanto, neste lugar mestiço, neste encontro atlântico entre Exu, a pedagogia grega e a filosofia cínica que pretendo indagar como este orixá é capaz de nos fornecer o fundamento no qual o compromisso ético entre palavra e vida (parresía) se torne capaz de orientar uma educação insurgente e engajada, insubmissa e contracolonial.

Exu e a parresía cínica

Esú, Elégbara, Eleguá, Legbá, Bará. Potência encantada, guardião dos caminhos, travessias, encruzilhadas. Aquele que faz e desfaz, ata e desata, ser ambíguo, ambivalente, múltiplo, mestiço, errante… mas, não menos, certeiro. Mensageiro dos diferentes mundos, orixá das brechas, aquele que vibra assentado nos corpos, nos poros, nos veios da matéria, nas práticas, poéticas, usos, jogos, movimentos, mandingas... nos fazeres, nos modos de vida outro, nos modos transviados de vida. Muitos são os nomes de Exu, tanto quanto são seus predicados. Muitas são as palavras que buscam decifrá-lo, decodificá-lo ou mesmo erigir para ele uma hermenêutica. Neste sentido, é muito importante lembrar (como auto precaução) que as palavras, são elas próprias, obra e domínio de Exu. Afinal, Exu é o portador da linguagem de Orunmilá entre os humanos, ao mesmo tempo que é o silêncio que antecede cada fala. Assim, podemos pressentir, na companhia do senhor dos caminhos, os motivos pelos quais a linguagem é sempre um desvio, um drible em relação ao real, um movimento para o qual o real sempre nos escapa, nos diria Jacques Lacan (1998), ao mesmo tempo em que confere existência à própria realidade. Neste sentido, novamente, Exu (o real) aparece como o inapreensível, aquele que mesmo catiço, jamais é aprisionado, pois ele é o próprio movimento, que em sua mágica aparência, engana e escapa, ao mesmo tempo que se deixa ver no lugar em que não está.

Portanto, se é Exu desviante, desviante é a palavra que fala. Palavra afiada, falada ou cantada, é ela quem vibra, cria e corta a teia que tece e ordena o mundo. Desviante, errante, portanto, mas ao mesmo tempo "acertante". Afinal, Exu é aquele que acertou o pássaro ontem com a pedra que só jogou hoje.

Diferentemente da palavra de Exu, está a palavra escrita, esta matéria orgânica morta, esta liturgia canônica, ordenadora das coisas e dos mundos erigidos pelo colonialismo. E é em sua gramática, esta tecnologia ordenadora do mundo, dos céus e da terra, essa ordem onto-teo-tecnológica, que

impede que nos livremos de Deus e de todos os seus demônios, é a partir dela que se estrutura as regras de inclusão e expulsão dos sentidos da vida e da morte. A gramática, este latifúndio de palavras-cerca, que se acercam do mundo, derrubando florestas, secando os rios, rasgando a terra e pastoreando os corpos. Domesticando a palavra selvagem, subordinando a alteridade, a pluriversidade do mundo, constrangendo em sua intimidade retórica, aprisionando em sua senzala epistêmica, acorrentando corpos e subjetividades à monocultura epistemológica ocidental.

Se a palavra escrita, da qual a gramática é sua lei e seu arquivo, estrutura os regimes de verdade, orientando as tropologias e teleologias da civilização ocidental, a palavra viva, palavra-corpo, aquela que se convencionou denominar oralidade (em oposição à palavra escrita), é quem orienta as memórias vivas a partir da errância. Isto é, sempre dispondo de um modo transverso e travesso de pensar a verdade, reorientando os sentidos e movimentos da memória no presente, em um processo de tensionamento entre lembrança e esquecimento, entre verdade e ficção, entre o real e o simbólico. Tal como os mitos, uma ação mágica na qual a relação se estrutura entre o que se preserva simbolicamente e o que a poética é capaz de cantar, reencantar ou reencarnar no presente.

É, neste sentido, que acredito ser possível pensar a palavra em Exu: uma palavra sem hermenêutica e sem gramática, ao menos tal como o Ocidente urdiu tais conceitos. Uma palavra nômade, que voa pela boca, e que se converte em uma prática do dizer, uma forma entre muitas de firmar a verdade, muito parecido com aquilo que Michel Foucault denominou de aleturgia, um certo modo de dizer a verdade sem basear-se em um regime de verdade. Um modo de praticar a palavra como modo de existência, não como forma de acesso ao conhecimento instrumental, não como busca da revelação da verdade de si, mas como uma prática orientadora de um cuidado de si e de um certo modo de estar no mundo. Palavra que é, portanto, uma operadora da verdade, mas de uma verdade somente possível enquanto invenção, escândalo e insurgência. Portanto, uma palavra que se diz e se faz como verdade na medida em que se estrutura numa ética, em certo modo de ser no mundo, que tem no escândalo e na insurgência a sua força motriz.

A essa palavra escandalosa, a essa palavra insurgente e corajosa, a esse modo de dizer a verdade, os antigos cínicos deram o nome de parresía. Michel Foucault foi o responsável por estudar esta forma aletúrgica, esse modo de dizer a verdade entre os antigos filósofos cínicos, para os quais o risco, o perigo, a insurgência e o escândalo eram traços éticos centrais ao uso da palavra

verdadeira. A palavra, o modo de dizer a verdade, tinha por função mudar o valor da moeda. Isto é, modificar o sentido e significado da verdade, tal como canonizada pela civilização grega, transvalorar seus valores sedimentados, mesmo que para isso fosse necessário arriscar a própria vida. Como afirma Frederic Gros (2004, p. 162):

> A filosofia cínica, além da diversidade de seus exemplos, comporta dois núcleos duros: um determinado uso da fala (uma franqueza rude, áspera, provocadora) e um modo de vida particular, imediatamente reconhecível (uma vida de errância crítica e de pobreza, um manto imundo, um alforje e uma barba hirsuta).

Neste sentido, os antigos cínicos tinham um compromisso ético com a vida em sua dimensão trágica e selvagem. A vida precisava ser dita, pronunciada e provada em sua própria existência, mesmo que se colocasse em risco a própria vida, de tal modo que vida e palavra fossem (co)fundidas em um modo de vida. Uma estética da existência para a qual o desvio, a errância, significava o caminho ao encontro da própria vida, uma vida que somente exposta à crueza e a beleza, ao sofrimento e ao prazer, ao imprevisto e às contingências, daria conta de expor os poderes castradores e ordenadores da cidade grega e de sua civilização, desse universo demasiadamente humano, humanista, racionalista e narcísico. O compromisso existencial de filósofos cínicos como Diógenes foi o de transgredir e transvalorar os sentidos dado à vida pela cidade, tendo a filosofia como prática da verdade, de um "[...] dizer verdadeiro sem vergonha e sem medo, do dizer verdadeiro ilimitado e corajoso, do dizer verdadeiro que impulsiona sua coragem e seu atrevimento até que ele se torne insolência intolerável" (Foucault, 2011, p. 153). O escândalo do corpo e da palavra tinham por função ética deixar a pólis nua diante do sol.

É neste sol cínico, que ilumina e queima todas as frinchas da cidade, que a *physis*, a natureza, Gaia e toda a sua força imanente se tornam manifestas como valor trans-histórico e transcultural. E é aqui em Exu, essa força iorubana e afrodiaspórica, esse vórtice que atravessa o mundo atlântico com sua boca voraz que tudo come, é nele e por ele que penso ser possível encontrar na parresía cínica uma nova encruzilhada por onde a palavra verdadeira possa constituir modos de vida insurgentes. Mais ainda, é na parresía cínica que se torna possível encontrar um contravalor ocidental, um deslocamento, um desvio, uma dissidência interna em relação ao modo como o próprio Ocidente veio a se constituir como epicentro global da racionalidade, do humanismo antropocêntrico, do individualismo liberal, da superioridade racial, da domesticidade colonial.

Fundamentos lastreados e sedimentados no mito fundador da civilização grega, no mitologema do milagre grego, originariamente confrontados pela filosofia cínica.

Portanto, se os cínicos foram para a Europa e para a tradição filosófica ocidental uma força dissidente e transviante, em relação ao seu modo de vida civilizado, Exu é para o mundo colonial europeu uma força insurgente, selvagem e desestabilizadora, não à toa confundida e reinventada pelo Ocidente como o próprio demônio. Como afirma Pierre Fantumbi Verger (2002, p. 76)

> Ele gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades públicas e privadas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com essas características, compararam-no com o Diabo, fazendo dele o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus.

Tal como os cínicos eram odiados pela civilização grega por incorporarem a vida filosófica como escândalo da verdade, colocando-se à margem da cidade por sua vida errante e reprovável, Exu é aquele que expõe em sua nudez fálica os interditos da própria civilização ocidental. Exu e a verdade cínica, portanto, tem em comum uma verdade escandalosa e insolente, cuja potencialidade está em expor a contraface da civilização grega e cristã ocidental. O impensável, o interdito, o censurável e o recalcado ganham expressividade como componentes centrais e estruturadores da vida. Portanto, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, os cínicos se constituem como a potência errante e escorraçada que constituiu o núcleo universal da filosofia grega (Foucault, 2011, p. 178), Exu é a potência errante que dá centralidade ao que foi relegado à sombra do Ocidente, restabelecendo o valor a tudo que se tornou reprovável, pecaminoso ou herético, recolocando no centro da encruzilhada os corpos, saberes e práticas que os processos de sujeição colonial converteram em abjeção e descarte.

A questão que procuro trazer, portanto, é se Exu como um saber das frestas, saber transfronteiriço e transcultural, como prática fundada na palavra e como palavra fundada na prática, como uma "espiritualidade política", pode fazer assentar em nossos corpos um modo de vida que seja escândalo e insurgência? Em outras palavras, pode Exu ser o sustentáculo de um saber parresiástico no Brasil?

Se sim, cabe perguntar, ainda, qual educação pode ser aberta quando a palavra verdadeira é firmada como risco, afronta e insolência aos poderes constituídos pelo colonialismo? Quais os

sinais de uma educação firmada no enfrentamento e na insurgência? Quais modos de vida se abrem quando a palavra pronunciada reivindica uma nova política e uma outra poética do corpo e do espírito?

Mesmo que não tenhamos a resposta para tais perguntas, é importante considerá-las como parte de nosso arquivo vivo de memórias ativas, de nosso manual ancestral de guerrilha urbana, caso queiramos constituir novas e ancestrais linhas de realidade, novas e ancestrais zonas de territorialidade, novas e ancestrais poéticas capazes de reencantar o corpo ante as mazelas do colonialismo, da técnica e do neoliberalismo. Presentificar a ancestralidade, recolocá-la como parte do nosso futuro ancestral comum, é o que vem sendo cantado em verso e prosa pelos mestres e mestras do Brasil como o alicerce de uma ética que firme no presente um modo outro de ser/estar no mundo. Um modo que se faz como gesto vocal e corporal, como veridicção, na medida em que conduz o passado na atualidade do dizer. Um modo que, ao que me parece, pode colher da atitude parresiasta uma ação política e poética comprometida com a verdade que habita o corpo em sua diferença multitudinal e ancestral.

A educação em Exu: poéticas e errâncias

Exu, a verdade que habita o corpo, que se manifesta na palavra viva, é uma verdade constituída pelo desvio e pelo acidente, constituída por uma experiência da errância, portanto. É neste sentido que Exu é um pedagogo por excelência, na mesma medida em que o pedagogo é para Michel Serres um caminhante, aquele que viaja com a criança, aquele que conduz a criança na saída da *oikos*, da família, do conforto da casa, do universo das certezas e da indiferença ao mundo comum. Como afirma Serres (1993, p. 15),

> Viagem das crianças é o sentido lato da palavra pedagogia. Aprender lança a errância. Explodir em pedaços para se lançar em um caminho de destino incerto exige um heroísmo que sobretudo a infância parece capaz de mostrar, embora ela deva ser seduzida para encetá-lo. Seduzir: conduzir para outro lugar. Bifurcar a direção dita natural. [...] Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que conduz a um lugar ignorado. Sobretudo: jamais tomar a estrada fácil, melhor atravessar o rio a nado.
> Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. Eis as três primeiras estranhezas, as três variedades de alteridade, os três primeiros modos de se expor. Porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosa, ao outro. Nunca mais saberei quem sou, onde estou, de onde venho, aonde vou, por onde passar. Eu me exponho ao outro, às estranhezas.

É este pedagogo que leva à errância, a um lugar imprevisto, que convoca para cada orí o cuidado de si, o zelo por sua própria singularidade ante as imprevisibilidades do caminho. É no caminho, portanto, que se molda a experiência, caminho cujo corolário é a constituição da diferença, da autonomia e do encontro nas encruzilhadas do mundo comum. É na errância, portanto, que a diferença pode emergir como um acontecimento singular. O contrário desta errância é a normalização dos corpos, a prescrição das condutas, a pavimentação dos caminhos, a linearização da história, a universalização do saber e a panoptização do tempo. Não fosse a malandragem de Exu, que nos desvia do reto caminho, dos caminhos da normalização e da normatização, a batalha estaria decidida, a colonização dos corpos assegurada e o império jamais poderia ruir.

Exu é a educação pensada a partir da errância e a vida como escândalo da verdade! A verdade enquanto escândalo, enquanto afirmação de uma ética da coragem, é o que permite ao corpo pulsar no mundo sua singularidade radical. A palavra e o corpo que se pronunciam enquanto coragem da verdade são, portanto, a presença de Exu cavalgando em nossos corpos, interpelando nossas certezas, movimentando nossa inquietude e insurgência, nos conduzindo errantes pelos caminhos de Orunmilá.

Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso dado no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

GROS, Frederic. **Foucault**: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LACAN, Jacques. **Para-além do princípio de realidade** (1936). *In*: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogo, 2021b.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Morula Editorial, 2019.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

TRANCOSO, Dea. **Catimbó Zen**: existências compartilhadas – uma Filha da Folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clinica, educação, alegria e cura. Tese de Doutorado em Educação. Unicamp, 2024.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás.** Salvador: Corrupio, 2002.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025

---

* Este texto foi lido por Rafael Araldi na aula magna "Exu: arte, epistemologia e método, a lembrança de si mesmo", organizada por Déa Trancoso e disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8m-pgKLO8aM.

[1] Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac). Email: araldivaz@gmail.com

[2] Ver Leda Maria Martins (1995, 2021a, 2021b); Luiz Rufino (2019) e Déa Trancoso (2024).